

GILKA MACHADO E AS CONTRADIÇÕES DO SEU TEMPO

Sylvia Paixão

Os anos 20, no Rio de Janeiro, vão presenciar uma invasão sem precedentes da esfera pública pela mulher, o que já vinha de certa forma acontecendo, desde finais do séc. XIX, com a alfabetização e a publicação dos jornais e revistas femininos.

A dificuldade em separar as mulheres da vida doméstica sempre dificultou qualquer tentativa de sequer imaginar um mundo em que o lugar próprio delas fosse na esfera pública. O conceito de esfera pública nos mostra um espaço que é aberto, manifesto, comum e, de certa forma, bom. Um homem público é aquele que participa em prol do bem universal; uma tese indicada para publicação é sinal de excelência; e uma coisa pública é a que pode ser usada e dividida pelos membros de uma comunidade.

Por outro lado, a simples menção à mulher pública nos leva a pensar numa prostituta, o que sintetiza uma ação pública como sendo aquela autorizada pela posição masculina.

Habermas estudou o tema em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, afirmando ser esta uma categoria da experiência burguesa. As sociedades cedo incorporaram a dimensão pública, como uma associação informal de pessoas orientadas por interesses gerais. A sua obra vai dar origem a outros questionamentos advindos de sua teoria a respeito da esfera pública; trata-se da relação entre a esfera pública e o feminismo, ou seja, reconsiderar esta esfera através da perspectiva das mulheres.

Habermas reivindica o fato de que a burguesia pública é essencialmente masculina, e esta característica serve para determinar a sua própria representação e sua subsequente “transformação estrutural”. Sendo assim, reconstituir a categoria de esfera pública pode nos ajudar a alcançar um sentido melhor da história do feminismo moderno, sobretudo nos anos 20, época em que o modernismo clamava pela nova mulher, como bem pode ser observado no discurso de Menotti del Picchia, durante a Semana de Arte Moderna: “Queremos a Eva ativa, bela, prática, útil no lar e na rua, dançando o tango e datilografando uma conta corrente.”

Hoje, é possível rever, dentro da nossa história literária, a trajetória de

algumas mulheres que tentaram mostrar publicamente serem capazes de produzir obras inovadoras e revolucionárias, tendo sido por isso sufocadas pelo cânone, que silenciava a respeito de uma fala marcada pela diferença.

Gilka Machado, por exemplo, pioneira na expressão do desejo feminino na poesia, sofreu duras críticas no seu tempo não só pela audácia dos seus versos eróticos, mas também por ter colocado em questão toda uma problemática relacionada ao público e ao privado, representada também na relação paradoxal entre o feminismo e a República.

A República, proclamada quatro anos antes do nascimento de Gilka Machado, foi erigida contra as mulheres, sob a influência do Positivismo, doutrina criada por Augusto Comte em meados do séc. XIX. Segundo o filósofo francês, a domesticidade é vista como solução para o político, celebrando a diferença sexual. O poder mais nobre, o espiritual, pertence à mulher e não ao homem. Ela é superior, porque é mais sentimental, mas não tem a eficácia política. A intelectualidade feminina é inferior, uma vez que a mulher é mais rica na espiritualidade e no amor. Dessa forma, a igualdade sexual é redefinida como uma diferenciação radical de naturezas e de funções.

O Positivismo recusa a representação da mulher independente dos desejos do homem. Ora, já que a mulher não pode ser representada como um sujeito moral e legal, a sua exclusão das liberdades civil e política não necessita de bases de legitimação.

Os adeptos do republicanism, no Brasil, incluídos aí os militares, eram seguidores da doutrina de Comte, sustentando um padrão sexualmente diferenciado de virtude: cidadania para os homens, maternidade para as mulheres.

É conveniente lembrar que o centro principal de irradiação da doutrina positivista era a Escola do Recife, liderada por Tobias Barreto. Graça Aranha, um dos mentores do modernismo no Rio de Janeiro, estudou Direito em Recife, tendo absorvido a filosofia materialista daquela Escola. Não podemos esquecer das inserções do Positivismo na vida cultural e política do Rio de Janeiro, representadas por figuras importantes da sociedade carioca, cidade onde foi instalada e existe até hoje a Igreja Positivista, situada à rua Benjamin Constant, na Glória.

Sendo assim, os primeiros anos do século serão palco onde se desenrolam as contradições trazidas por um regime que isolava a mulher naquilo que parecia apresentar como inovador: o direito a uma representatividade pública, a cidadania.

Nascida em 1893, Gilka Machado publicava seus poemas esparsos desde 1912, na revista *A Faceira*, dirigida por Carvalhais. Além disso, em 1915, vence o concurso literário feminino instituído por *A Imprensa*, com os poemas "Beijo" e "Falando à Lua", logo publicados no seu primeiro livro, *Cristais Partidos*.

Segundo o depoimento de Ana Maria Muricy, amiga de Gilka e irmã do crítico Andrade Muricy, "seus versos eram muito fortes, a Gilka dizia com intensidade o que sentia. O concurso que ela ganhou o prêmio ela tinha apenas 14 anos. Foi difundido o prêmio nos jornais. A Terezinha, mãe de Gilka e ela foram lá na comissão. Eles olharam, não podiam crer quando aquela menina disse fui eu que ganhei o prêmio. Aí, aqueles senhores de pince-nez estra-

nharam. E o entusiasmo passou a desconfiança. Como uma criança ia fazer versos eróticos? Se não me engano, era um que dizia “sinto pêlos ao vento...” Aí o pessoal ficou assim sem jeito, porque ela era um espírito da época.”

Por ser um “espírito da época”, Gilka Machado não poderia ficar à margem do processo modernizante da literatura. Na revista *Festa*, fundada em 1927 por Andrade Muricy e Tasso da Silveira, apenas duas escritoras aparecem como colaboradoras: Gilka Machado e Cecília Meireles. Os poemas de Gilka, publicados no nº 2, de 1º de novembro de 1927, fazem parte de *Meu Glorioso Pecado* (1928), o mais inventivo e ousado livro da poetisa.

Pergunto a Ana Maria como Gilka se tornou amiga do crítico Muricy: “Não sei ao certo. Eles se reuniam muito, se visitavam, inclusive por causa do Rodolfo Machado, marido da Gilka, poeta, mas que publicava poemas de Gilka dizendo que eram dele. Os dele e os dela, aconteceu isto uma vez. Ela, modestamente, não se valorizando muito ainda, questão de ambiente. Ele, já com projeção, abusava...”

Abuso ou proteção, o fato é que parecia difícil para a mulher expor publicamente o seu desejo.

Os elogios a Gilka Machado são frequentes na revista *Festa*. Em artigo do nº 4, Andrade Muricy critica os editores que têm como autor maior o mais vendável: “Por isso, políticos profissionais com obras de propaganda figuram como escritores. Por isso, os editores, livreiros colocam uma Gilka Machado (cuja obra está esgotada) abaixo das poetisas mundanas e elegantes.” O nº 6, de março de 1928, traz uma crítica de Mário de Andrade: “Na poesia, brilharam até agora, extraordinariamente, Gilka Machado e Cecília Meireles. Os poemas que publicaram são positivamente admiráveis, a meu ver.”

A opinião de Mário não era a mesma, quando Gilka publicou seu primeiro livro, como observa Artur Soffiati, em estudo sobre Mário e Gilka. Pesquisando as notas marginais, escritas à mão por Mário, Artur recolhe os comentários do modernista, nada favoráveis à poetisa, a quem chama o tempo todo de “menina”, ironicamente, embora os dois tivessem nascido no mesmo ano. “Ai que a menina tem vida de eremita”, anota junto aos versos “o fulgor que de vós se precipita / perturba minha vida de eremita”, do poema “Ânsia de Azul”.

A crítica, em geral, se preocupava mais em assinalar o erotismo contido nos versos de Gilka, ignorando praticamente ter sido ela uma das poucas a lançar o seu olhar para o lado social e político, tematizados sobretudo em *Sublimação*, de 1938. Aqui, sua poesia apresenta um maior despojamento, e a visão do cotidiano revela a mulher atenta aos acontecimentos que a rodeiam não só na esfera privada, mas na pública também.

O olhar poético deixa de lado as sensações eróticas e se volta para o mundo externo, onde a transfiguração da cidade impõe o crescimento desordenado da pobreza, aliado às construções de edifícios de apartamentos, uma exigência da modernização da cidade: “ponhamos termo / a esses malabarismos / de palhaços / falsos / da modernidade / permanecendo diferentes / diante da multidão / insensibilizada / enferma.”

Em “Ode aos trabalhadores”, dedicada aos trabalhadores que construí-

ram a cidade do Rio de Janeiro, foi escrita “do alto, diante do panorama noturno da cidade”. A exaltação passa pelo visual arquitetônico e se instala na figura modesta e incógnita do operário, envolto agora pela linguagem erótica: “Tuas mãos / quem me dera afagá-las, premê-las / agora longamente / essas mãos obscuras mãos que irradiaram sangrando / o poema condoreiro / o poema formidando que é a cidade do Rio de Janeiro!”

Em “Alerta miseráveis”, a delicadeza feminina se transforma numa ferocidade guerreira, que desperta a revolta contra as injustiças sociais: “Ó vagabundos involuntários, / ó famintos proletários, artistas, lavradores, operários / soldados, marinheiros, / escutai um momento / a minha voz irmã: / — aleitaram-se nos seios da miséria / brincaram nos nossos joelhos / os homens que serão / o Brasil de amanhã”.

Os poemas de *Sublimação* mostram que Gilka Machado não estava nem um pouco alheia aos problemas advindos da modernização da sua cidade. Além disso, Gilka já havia sentido na própria pele a rejeição e a censura diante das suas lutas feministas, sobretudo em relação ao seu sensualismo sadio, o que a tornava mais próxima às minorias, também rejeitadas pela sociedade.

Uma sociedade, entretanto, que reunia em si o fascínio da descoberta do novo, o que não passou despercebido ao olhar “de fora” da poetisa. Assim é que Gilka Machado não se colocou à parte do processo modernizante da vanguarda estética, política e social dos anos 20. Sem se deixar dominar pelo exagero das propostas modernistas, soube abrir espaço para que as exigências em ser uma mulher do seu tempo permitissem um olhar crítico através do qual tematizou pátria, a identidade nacional, divulgando a dança e o esporte, tão em voga naqueles dias. São exemplares os poemas “Bahia”, “Negra Baiana”, “Mocambos do Recife”, “Dança de filhas de terreiro”, “Samba”.

É certo que a pátria a fascinava, bem como o desejo em torná-la conhecida e admirada pelo estrangeiro. O futebol, desde a década de 20, já era divulgado na imprensa como a prática ideal, sendo que os jogadores representavam os ídolos da mocidade jovem e guerreira idealizada pelo movimento modernista. No poema “Aos heróis do futebol brasileiro”, Gilka Machado não esconde a admiração pelo esporte citado, já naquela época motivo de orgulho patriótico, como ela mesma diz nos versos do poema. A eloquência das palavras falam da “sede de glória / de um povo / novo / para o chute decisivo / da glória da Pátria.” O esporte passa a congrega a expressão de um Brasil moderno, ativo, guerreiro, apto a ser reconhecido e aceito pelo estrangeiro. “Na esportiva expressão / de qualquer raça entende / longe de nossa decantada natureza / os Leônidas e os Domingos / fixaram na retina do estrangeiro / a milagrosa realidade / que é o homem do Brasil.”

Em 1980, Gilka Machado sai de cena, discretamente, como sempre viveu, sem atrair a atenção de ninguém. O silêncio em torno de sua morte não conseguiu, entretanto, calar a sua presença dentro da nossa história literária.

Uma história que já permite o desnudamento da mulher através de formas de expressão autênticas, onde o pensamento livre se associa ao desejo de todos no sentido de construir um mundo melhor, mais justo, em que a discriminação seja apenas um símbolo de barbárie a ser banido da memória.